

Desmasculinizar a Igreja?

Uma contribuição para a teologia dos ministérios eclesiais



Por: Isabel Corpas de Posada

Ameríndia Colômbia

A proposta do papa Francisco de “desmasculinizar” a Igreja e as linhas traçadas pelo roteiro para a segunda sessão do Sínodo da Sinodalidade sobre o aprofundamento da “pesquisa teológica e pastoral sobre o diaconato, mais especificamente, sobre o acesso das mulheres ao diaconato”, me motivam a seguir em frente e compartilhar minha pesquisa sobre a **teologia dos ministérios eclesiais por preocupação com a exclusão das mulheres do sacramento da Ordem**, uma exclusão que representa uma desigualdade e cuja causa pode ser atribuída à estrutura clerical que a Igreja assumiu no decorrer do primeiro milênio como consequência da sacerdotalização de seus líderes e consagrados na reforma gregoriana.

O atual *kairos* sinodal e os passos dados pelo Papa Francisco nos permitem vislumbrar expectativas de mudança **para que as mulheres possam encontrar o espaço na Igreja que a história lhes negou**.

Porque foram particularmente significativos os passos que ele deu, modificando espaços tradicionalmente ocupados unicamente pelos homens na Igreja e nomeando mulheres para cargos de liderança nos órgãos do Vaticano: “é algo que me preocupou em Roma: como **integrar melhor a presença e a sensibilidade das mulheres nos processos de tomada de decisão no Vaticano**”, escreveu em seu livro *Sonhemos juntos. O caminho para um futuro melhor* (2021), no qual considerou, como um desafio, “criar espaços onde as

mulheres possam liderar” e “integrar a perspectiva das mulheres sem *clericalizá-las*”.

Mas falar de espaço para as mulheres na mentalidade dos homens da Igreja - e Francisco é um homem da Igreja - é falar de um espaço próprio para elas: o “lugar próprio” de que falam os documentos do magistério eclesial, que é o espaço que lhes foi atribuído pelo mundo patriarcal e que elas sempre ocuparam. E que é, portanto, **um espaço que prolonga aquele que elas tradicionalmente ocuparam, o espaço doméstico, distinto e separado do espaço que os homens ocupam, um espaço de poder** e, na Igreja, de poder sagrado recebido no sacramento da Ordem. Um espaço que as mulheres não têm permissão para transgredir.

Além disso, **existe o medo a clericalizar a às mulheres, permitindo que elas transgridam o lugar próprio dos homens na Igreja, que é o espaço clerical acessado pela ordenação**.

Portanto, embora admitindo a possibilidade de que as mulheres possam ter acesso a funções e serviços eclesiais com estabilidade, reconhecimento e comissionamento por parte do bispo, que são as características de um ministério, como escreveu em *Querida Amazônia*, ao mesmo tempo estabeleceu a sua limitação: ministérios que “não requerem” o sacramento da Ordem (QA 103), porque na tradição eclesial só os homens podem ser or-

denados. Mas não porque esse fosse o projeto de Jesus, mas por causa das práticas históricas - repito mais uma vez - nas quais, com a sacerdotalização e a consequente clericalização dos ministérios, **as mulheres foram excluídas das funções de liderança e de serviço que haviam exercido nas comunidades do Novo Testamento.**

Também são significativas as críticas de Francisco ao clericalismo eclesiástico, afinal o principal obstáculo ao acesso das mulheres ao sacramento da Ordem: mentalidade clerical, imaginários clericais, estruturas e organização hierárquicas clericais que é preciso superar **não apenas para abrir a porta à ordenação de mulheres, mas também para tornar a sinodalidade mais do que uma palavra novedosa na Igreja.**

É por isso que considero particularmente significativo seu convite para “desmasculinizar” a Igreja.

Por ocasião da reunião de dezembro do Conselho de Cardeais que assessora ao Papa sobre o governo da Igreja, Francisco convidou duas teólogas, **Lucia Vantini** e a Irmã **Linda Pocher**, para falar aos cardeais sobre o “princípio mariano e petrino” de Von Balthasar que ultimamente tem servido como argumento para manter as mulheres em seu “devido lugar”.

Foi quando as mulheres teólogas falaram ao papa e aos cardeais sobre a desmasculinização da Igreja e os limites do pensamento de Von Balthasar, cujo propósito não era tratar do relacionamento entre homens e mulheres na Igreja. Elas explicaram isso claramente, questionando o uso que tem sido feito desse argumento. Suas intervenções foram publicadas em um livro, cujo título, traduzido para o português, é **“Desmasculinizar a Igreja? Uma comparação crítica sobre os ‘princípios’ de Hans Urs von Balthasar”**. E depois de ouvir as mulheres teólogas, Francisco escreveu no prólogo do livro:

“Percebemos, especialmente durante a preparação e a celebração do Sínodo, que não tínhamos ouvido o suficiente as vozes das mulheres na Igreja e que a Igreja tinha muito a aprender de elas. **É preciso escutar-nos reciprocamente para desmasculinizar a Igreja.** [...] Precisamos paciência, respeito mútuo, escuta e abertura para aprendermos uns dos outros a fim de avançarmos

como um único povo de Deus, rico em diferenças, mas caminhando juntos” [ênfase adicionada].

“Desmasculinizar” a Igreja? Uma mudança profunda e uma contribuição para a teologia dos ministérios eclesiais. “Desmasculinizar” a Igreja significa, acima de tudo, deixar para trás o clericalismo. Isso requer um processo de conversão eclesial, entendido como uma mudança de mentalidade - *metanoia* - e de coração, a fim de **desaprender paradigmas próprios do clericalismo e desconstruir imaginários que sustentam modelos ultrapassados de relações entre homens e mulheres**, propondo, ao mesmo tempo, relações de reciprocidade no respeito, o serviço e a solidariedade que permitam reconstruir uma eclesiologia de comunhão. Eclesiologia que, no *kairós* sinodal que estamos vivendo, é a eclesiologia do povo de Deus completada por Francisco como eclesiologia sinodal.

Entretanto, **essas mudanças dependem das vozes das mulheres desde as periferias, de onde vêm suas vozes.** Como a da mulher cananeia que com seus gritos mostrou a Jesus que a salvação de Deus não era exclusiva do povo escolhido e que sua missão incluía todos os povos, o que deve ter representado a mudança de paradigma e perspectiva que as primeiras comunidades de crentes devem ter experimentado. E o das mulheres que fizeram Jesus mudar de ideia quanto a admiti-las em sua companhia - o que era mal visto - e aceitá-las como discípulas, rompendo o tratado de limites da sociedade patriarcal em que ele vivia, uma prática que continuou na vida das comunidades do Novo Testamento, nas quais as mulheres eram reconhecidas e exerciam papéis de liderança e serviço.

Como elas e com elas, a partir das periferias de uma Igreja sinodal, as mulheres podem contribuir para gerar as mudanças e transformações necessárias de mentalidade, atitudes, de formas de relacionamento, de imaginários e paradigmas a partir dos quais superar o clericalismo e a tipologia de Igreja hierárquica, piramidal, kiriactal e sacerdotal da Igreja, **para que a *Ecclesia semper reformanda* possa ser “segundo o Evangelho que deve anunciar”: uma Igreja de comunhão, inclusiva e ministerial, como foi a proposta do Vaticano II.**